



VOLUME XII
Nº 1
JAN · FEV · MAR
2020

LUSORQUÍDEAS

BOLETIM OFICIAL
DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ORQUIDOFILIA
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA A ASSOCIADOS



EDITORIAL

GRAZIELA MEISTER

A primeira edição da nossa revista deste ano terminou num período impensável anteriormente. Estamos a viver num isolamento social que não existia desde há 100 anos com a pneumónica. O Corona Vírus espalhado por todo o mundo está a afetar todos os eventos e toda a economia mundial, pelo que a A.P.O. viu-se obrigada a anular todos os seus workshops e exposições. e também a nossa 11ª exposição do Porto, já tão anunciada e pela qual tantos orquidófilos estavam à espera. Como o cancelamento teve de ser feito muito em cima do acontecimento, todos os expositores tiveram prejuízos, pois estavam já com as suas compras feitas para estarem presentes na exposição.

Continuamos sem saber o que o futuro nos vai proporcionar, pelo que não há nenhuma exposição marcada.

Não sabemos ainda se esta revista poderá ser entregue dentro do prazo previsto, pois temos a contingência de a gráfica estar fechada, como estão todas as empresas.

Além da mensagem da presidente da Associação Portuguesa de Orquidofilia, temos um artigo sobre a linda *Rhynchostylis*, orquídea que já se pode comprar nos nossos hortos portugueses, escrito por Graziela Meister.

De seguida a nossa associada Mónica Cardoso aborda mais um cultivo de *Phalaenopsis*, desta vez a secção *parishianae*.

E como não podia faltar, temos a acostuada entrevista orientada pelo nosso associado José Costa, desta vez feita à nossa associada Teresa Vieira com os seus lindos exemplares que utiliza o cultivo das orquídeas, assim como muitos outros orquidófilos, como uma terapia para a sua vida.

Temos mais duas fichas para colecionar, uma sobre *Eulophia* e outra sobre a *Galeandra*, da autoria de José Costa.

E a A.P.O. em ação mostra a grande atividade

que a nossa associação teve no princípio deste ano. Durante o mês de março, e não sabemos por quantos meses mais, toda a atividade está suspensa.

O nosso amigo e grande orquidófilo Carlos Keller contribuiu para a nossa revista com a 2ª parte de “Considerações a respeito da genealogia da *Cattleya walkeriana* semi-alba ‘Tokyo nº1’ e da *Cattleya Kenny*, com menção às *walkerianas albas* impuras norte americanas.” E o último artigo é do Euler Meneses que nos fala sobre a *Scuticaria*.

A leitura aconselhada no espaço do associado. é o livro “*Cymbidium*” dos autores David Du Puy e Phillip Cribb.

Temos esperança que o próximo número da nossa revista já seja editado num clima de mais atividade da nossa associação.

ÍNDICE

	Página
Mensagem da Presidente da Assoc. Portuguesa de Orquidofilia	4
<i>Rhynchostylis</i>	5
Cultivo de <i>Phalaenopsis</i> espécie (secção <i>parishianae</i>)	7
Entrevista - Teresa Vieira	10
Ficha de Cultivo nº 40: <i>Eulophia</i>	17
Ficha de Cultivo nº 41: <i>Galeandra</i>	19
A A.P.O. em acção	21
Considerações a respeito da genealogia da <i>Cattleya walkeriana</i> semi-alba ‘Tokyo nº1’ e da <i>Cattleya Kenny</i> , com menção às <i>walkerianas albas</i> impuras norte americanas. (2ª parte)	23
<i>Scuticaria</i>	30
Espaço do Associado	32



Associação Portuguesa de Orquidofilia (A.P.O.)



Avenida da Boavista, 3528
4100-122 Porto, Portugal
Telefone: +351 226 189 896
www.lusorquideas.com
lusorquideas@gmail.com
Facebook: Associação Portuguesa de Orquidofilia
Instagram: Lusorquideas

LUSORQUÍDEAS
Volume XII | Número 1
Jan • Fev • Mar 2020

EDITORA
Graziela Meister

COLABORADORES
Graziela Meister
Mónica Cardoso
José Costa
Carlos Keller
Euler Meneses

REVISÃO
Graziela Meister

PAGINAÇÃO
João Reis

FOTOGRAFIA DE CAPA
Rhynchostyllis

ENVIO DE ARTIGOS
revista.apo@gmail.com

Os conteúdos desta publicação estão conforme o acordo ortográfico em vigor.

Copyright © Associação Portuguesa de Orquidofilia. Todos os direitos reservados. 2019.



MENSAGEM DA PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ORQUIDOFILIA

Estamos no inverno e as orquídeas estão um pouco como que adormecidas. No entanto as que não foram recolhidas às estufas ou às casas e permaneceram no jardim, dão sinais de contentamento e logo que as horas de luz começam a aumentar nota-se a sua vontade de crescer. Este inverno foi muito chuvoso e escuro, pelo que muitos orquidófilos se queixaram de perder muitos *Cymbidium*. Faço mais uma vez o apelo para o uso de substrato muito arejado, substrato para epífitas, para todos os *Cymbidium* que estão no jardim à chuva, caso contrário o substrato fica muito encharcado e compacto e as raízes apodrecem.

A A.P.O. está com uma atividade imparável, tendo exposições ou palestras durante todos os fim de semana. Já realizamos duas exposições simultâneas e os pedidos para estarmos presente neste ou naquele concelho não param de chegar. Para a data da nossa exposição do Porto, temos mais dois pedidos de Câmaras. Pedidos esses que estamos a resolver enviando para lá um horto em nossa representação, uma vez que para a exposição do Porto precisamos de todos os associados e das suas orquídeas.

A exposição do Porto tem já todo o seu espaço ocupado por expositores portugueses e estrangeiros, sendo este ano, o ano que temos mais stands. Temos tido muito apoio por parte dos *media*, o que nos leva a pensar que iremos ter muito público.

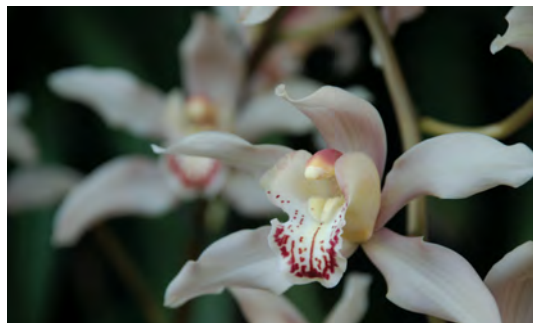
Iniciamos ciclos de palestras no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e Salvaterra do Minho e temos mais projetos em vista.

Precisamos de voluntários. Sentimos que a A.P.O. está a crescer de tal forma que é com certa dificuldade e com o sacrifício sempre dos mesmos associados que conseguimos dar resposta a tudo o que nos é solicitado. Faça parte desta família colaborando.

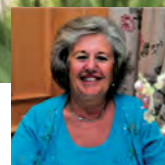
Graziela Meister



Cymbidium



Rhynchosstylis coelestis



GRAZIELA MEISTER

RHYNCHOSTYLIS

Rhynchosstylis é um género só com três espécies: *Rhynch. coelestis*, *Rhynch. retusa* e *Rhynch. gigantea*. Esta última é a mais comum, mais comercializada e mais valorizada.

RHYNCHOSTYLIS GIGANTEA

A *Rhynch. gigantea* embora o nome sugira o contrário, é uma planta de porte pequeno para médio.

Em relação às outras duas espécies, as suas flores são mais pequenas, aparecendo nas cores rósea, branca e vermelha.

Esta espécie é a mais encontrada no meio orquidófilo e possui muitos clones dignos de qualquer coleção.

Proveniente da Ásia, ele é encontrada em florestas secas, decíduas ou semi-decíduas, semelhantes a savanas, desde o nível do mar até 700m de altitude.

É uma planta monopodial, de folhas largas e inflorescência pendente. As suas flores com um perfume agradável são mais frequentes no outono e inverno.

É cultivada geralmente em cachepot com um

substrato muito arejado. Muitas delas vendem-se de raiz nua, ou seja sem substrato. Para se desenvolverem melhor, é aconselhável colocá-las sobre um vaso com substrato, não metendo as suas raízes grossas dentro do substrato, mas colocando-as sobre ele. Para que não caia, faz-se com arame grosso uns semi-círculos, com os quais se predem as raízes ao substrato. Passados meses a planta emite raízes já para dentro do substrato e fica estabelecida nele.

As adubações devem ser frequentes, pois não possuem um período de repouso evidente. As regas devem ser copiosas, deixando secar entre elas.

São conhecidas e muito apreciadas pelo seu cacho de flores pendente de muitas flores densas e curvas. As espécies deste género têm como destaque o encanto e a durabilidade da floração, que pode chegar a mais de 60 dias. As flores têm cerca de 3cm e a haste floral pode medir até 30cm de comprimento. É uma planta rústica e bastante resistente, que aprecia muito calor e humidade.



Rhynchosstylis gigantea

RHYNCHOSTYLIS COELESTIS

A *Rhynchosstylis coelestis* tem folhas finas e a inflorescência ereta, tendo como principal característica a haste floral ereta com mais de 25 flores de tonalidade azul violeta. Além disso tem um perfume adocicado.



Rhynchosstylis coelestis

RHYNCHOSTYLIS RETUSA

Já a *Rhynch. retusa* tem folhas finas e a inflorescência pendente, geralmente mais longa e fina do que a da *Rhynch. gigantea*. Esta espécie é difícil de encontrar.

Este género deve ser cultivado em lugares quentes, com boa humidade e sombreamento mediano. Nunca é demais lembrar que ambiente húmido não é o mesmo que molhado. O excesso de água pode matar a planta, já que propicia o aparecimento de doenças. No tempo quente é melhor regar de manhã e à noite, molhando folhas e raízes, mas evitando o encharcamento do substrato. No inverno a rega deve ser reduzida, não deixando secar por completo.

O sombreamento também merece atenção. Se as orquídeas forem expostas diretamente ao sol, vão apresentar um aspeto amarelado e o crescimento pode sofrer alterações, mas por experiência própria, nessas condições florescem mais facilmente.

O ideal é dar-lhes sol durante parte do dia conforme as estações do ano.

Tem que se ter cuidado com as suas raízes, pois são muito duras e partem facilmente.

Só se deve mudar quando há emissão de novas raízes.

Para qualquer dúvida não hesite em contactar lusorquideas@gmail.com



Rhynchosstylis retusa

Phalaenopsis gibbosa



MÓNICA CARDOSO

CULTIVO DE PHALAEOPSIS ESPÉCIE (SECÇÃO PARISHIANAE)

Este segundo artigo sobre cultivo de *Phalaenopsis* é dedicado à secção *parishianae*, que inclui a *P. appendiculata*, *P. gibbosa*, *P. lobbii* e a *P. parishii*.

As *Phalaenopsis* desta secção são de porte pequeno e apresentam na natureza folhas decíduas, uma forma de se protegerem da perda excessiva de água durante a estação seca. Apesar de apresentarem esta característica no seu habitat natural, em cultivo estas plantas não requerem um período de seca severo, evitando-se assim a perda de folhas.

PHALAEOPSIS APPENDICULATA

A *P. appendiculata* é endémica da Malásia, tem folhas ovaladas de cor verde maçã com cerca de 4 ou 5 cm. A sua flor é a mais pequena do género *Phalaenopsis* com cerca de

1cm, as sépalas e pétalas são brancas com manchas que vão desde o violeta ao vermelho-arroxeadado. O labelo é branco com manchas violeta e amarelas com longos filamentos brancos. A sua haste floral aparece por baixo das folhas ao contrário das outras espécies desta secção que florescem acima das folhas. Necessita de altas temperaturas (22-32°C), de humidade alta (80%) e é considerada difícil de cultivar, é muito suscetível a água dura e a alteração do nível de humidade. Num ambiente seco perde com facilidade as folhas e os botões florais. Deve ser mantida num local sombreado, no seu habitat

raramente há dias sem nuvens.

PHALAEOPSIS GIBBOSA

A *P. gibbosa* endémica do Vietname e Laos, tem folhas decíduas verdes escuras com cerca de 10-12 cm. A flor com cerca de 1,5 cm é de cor branco-creme, o lábello é triangular com padrão alaranjado. O intervalo de temperatura de cultivo é de 17-32°C e necessita de humidade entre os 70-80%, o nível de humidade pode ser mais baixo no inverno mas nunca pode desidratar. Deve ser mantida em sombra parcial e preferencialmente montada.



Phalaenopsis gibbosa



Phalaenopsis parishii

PHALAEOPSIS LOBBII

A *P. lobbii* é endémica da Índia, Butão, Vietname e Myanmar. As folhas são ovaladas e verdes escuras. As flores medem cerca de 2,5cm, brancas com sépalas maiores do que as pétalas. O labelo é grande com uma risca cor de bronze. Pode ser difícil de cultivar e morre facilmente por excesso de água, se for mantida muito seca perde as folhas, mas pode recuperar produzindo novas folhas. O intervalo de temperatura de cultivo é o maior desta secção, entre 10-30°C e necessita de humidade entre os 60-85 %.

PHALAEOPSIS PARISHII

A *P. parishii* é endémica da Índia, Myanmar e Tailândia, é muitas vezes confundida com a *P. lobbii*, sendo a diferença mais marcante o labelo cor de vinho da *P. parishii*. As folhas são elípticas em verde-prateado. A temperatura de cultivo é entre 20-35°C e humidade entre os 60-90%. No tempo quente, deve ser bem regada, não permitindo muito tempo de seca.

Todas as *Phalaenopsis* desta secção beneficiam de um descanso no inverno, sem adubação, com um pouco menos de humidade (mas sem permitir a desidratação) e mais luz. Estas *Phalaenopsis* não são consideradas fáceis de cultivar, mas a sua flor é de uma beleza inegável.



Orquídeas felizes, orquídeas floridas



Cultive em substrato PINDSTRUP ORQUÍDEAS!



A SUA ESTRUTURA POROSA E ALTO TEOR EM FÓSFORO FAVORECEM O DESENVOLVIMENTO DA RAIZ APÓS O TRANSPLANTE

Posteriormente à queda das flores, transplante a orquídea seguindo as instruções do saco. Conseguirá uma abundante reflorescência!

EM SACOS DE 10 L E 40 L

Fabricada em Espanha por Pindstrup com tecnologia dinamarquesa



PINDSTRUP

www.pindstrup.com



Chysis bratescens



JOSÉ COSTA

TERESA VIEIRA

CULTIVAR ORQUÍDEAS É PARA MIM UMA TERAPIA.

A diversidade de saberes e experiências orquidófilas levou-nos desta vez à Póvoa de Varzim, para conversar com Teresa Vieira, que nos vai contar a sua vivência enquanto orquidófila.

José Costa (JC) – Agradecendo a disponibilidade

da Teresa para divulgar aos leitores da Revista da Associação Portuguesa de Orquidofilia – Lusorquídeas - um pouco de si e da sua relação com as orquídeas, começo por lhe perguntar como é que surgiu esta paixão pelo colecionismo e cultivo das orquídeas.

Teresa Vieira (TV) – A 1ª razão foi, sem dúvidas a minha mãe. Ela sempre gostou de plantas e de flores. Quando era pequena e íamos a qualquer horto, sempre me chamava à atenção para a beleza desta ou daquela orquídea.

Depois o meu pai, quando eu era pequena fez - me a música “Teresa, flor da natureza” e cantava-me para adormecer.

Desta forma comecei a gostar das orquídeas. Depois, um episódio da vida que me marcou profundamente (quando a minha filha teve que ser transplantada) atirou-me bastante ao “fundo” e tive que arranjar um escape, algo que me distraísse e me relaxasse. Então aprofundi o cultivo e o colecionismo das orquídeas.

JC – Uma terapia?

TV – Descobri isso nas orquídeas.

Estou sempre à espera de um “mimo” delas e a orquídeas só nos dá esse “mimo” quando elas querem e quando nós estamos a cuidar bem delas. E isso é que é essencial.

JC – Abençoada mãe.

TV – Sim, abençoada mãe que me induziu este vício, que não faz mal a ninguém, antes pelo contrário.

JC – A sua mãe continua a cultivar orquídeas?

TV – Sim ela tem o seu espaço, onde cultiva e cultiva muito bem. (A mãe presente confirma que sim.)

JC – E a sua filha?

TV – A minha filha adora sobretudo *Phalaenopsis*.

Às vezes tento induzir para outras, mas ela sempre insiste e leva a melhor.

Ainda recentemente, na exposição dos pássaros, eu tentava mostra-lhe a beleza dumas *Cattleyas*, mas ela logo:

- Não mãe, eu é que escolho.

E lá foi escolher outra *Phalaenopsis*.

Pessoalmente apesar de não desgostar de *Phalaenopsis*, não me seduzem, até por razões de cultivo.

São muito atacadas por cochonilhas.

Quando tinha um número razoável delas foram atacadas de tal forma que eu decidi acabar com elas como foco da minha coleção.

Estavam a transmitir às outras orquídeas. Felizmente consegui controlar com inseticidas sistémicos, pois com os produtos naturais (óleo de neem e sabão de potassa) que são a base do meu controlo de pragas, não conseguia controlar.

JC – A sua mãe disse-me que gostava e cultivava *Paphiopediluns*. E a Teresa?

TV – Curiosamente são as *Vandas* que me seduzem. Admiro a liberdade delas. Aquelas raízes soltas.

Quando estamos em depressão, queremos fugir para a liberdade, pois parece que estamos presos, e eu vi nas *Vandas* essa liberdade.

Só que passei por uma fase que as mimava tanto que as matava.

Agora tento equilibrar a forma de cultivo para as manter.

JC – Mas gosta de outras?

TV – Sem dúvida, a que mais me enche o “ego” é aqui o meu *Angraecum veitchii*. No meu ambiente de cultivo cresce bem e enche-me de boas florações. Olho para ela e digo: tu és lindo! Dá-me, portanto, grandes alegrias.

Mas, outro dia foi à exposição dos “pássaros” e não gostou, apesar de continuar lindo e robusto.

Mas gosto, também muito de *Dendrobiums*. Adoro os cachos florais de uma parte significativa deles, como, por exemplo nos *Dendrobium densiflorum* e *tyrsiflorum*.



Angraecum veitchii

Dendrobium green Elf



Dendrobium thysiflorum



Dendrobium gattton sunray

JC – Muitos têm um senão que é a duração das flores.

TV – Mesmo assim gosto muito deles.

JC – Ainda se lembra qual foi a sua primeira orquídea? Ainda a tem?

TV – Foi uma Cymbidium. Foi para aí há 23/24 anos e ainda a tenho. Nessa altura tinha e comprava muitos Cymbidiuns. Depois comecei a “aborrecer-me” porque se regava demais apodreciam, se não regas definhavam. Não acertava com a mão. Mas ainda tenho alguns e bons.

Até que tomei contacto com as espécies e apaixonei-me.

JC – Isso foi quando?

TV – Aí há 7 anos. Fui a uma exposição da APO e fiquei fascinada com a diversidade e qualidade das plantas que vi. E também

Cymbidiuns. Fiquei a olhar para elas, mas mesmo assim gastei muito dinheiro em Cymbidiuns.

Depois comecei a procurar os hortos de espécies. Fiquei com alguns contactos. Comecei a ver no Facebook.

Foi também quando descobri a Associação. Dei comigo a pensar: Eu gosto disto e é isto que eu vou fazer.

Então associei-me e comecei a ir às vossas palestras e o “bichinho” entrou de vez.

Depois o meu marido nas viagens profissionais que fazia pela Europa via orquídeas e trazia-me, principalmente nos aniversários, nos dias dos namorados, sempre que houvesse um pretexto.

JC – Tem sorte porque o seu marido a compreende. Há maridos que são um contrapeso nesse hobby das esposas

TV – Sim, compreende-me bastante.

JC – Não tem plantas dentro de casa.

TV – Gosto de as ter nos espaços mais adequados. Passo o dia todo dentro do escritório, pelo que quando chego a casa gosto de ter a liberdade de sentir as plantas na minha estufinha, no meu jardim, na pérgola.

JC – Pegando no assunto, descreva-me os seus espaços de cultivo.

TV – Como disse cultivo na estufinha, no jardim penduradas e plantadas nas árvores (a minha Yucca está cheiinha), debaixo da pérgola, na parte de trás da casa estão as Cymbidium, porque é a parte mais fresca.

JC – As suas árvores de fruto estão em espaldar junto ao muro de vedação que é alto. Que partido tira disso para conseguir bons locais de cultivo?

TV – Na poda, os ramos das copas ficam sempre mais alongados, o que permite criar

sombreamentos adequados e espaços para pendurar as plantas. Como as árvores são caducas no inverno entra mais luz.

Isto permite cultivar com a luminosidade adequada e um bom arejamento tão necessário ao desenvolvimento das plantas.

JC – Junta o útil ao agradável.

TV – Exato. Adoro chegar junto de uma fruteira, colher e comer.

JC – Mas tem, na confluência dos muros, um cantinho diferente.

TV – Sim, é um cantinho bem mais húmido com um laguinho e coloco aí as plantas que necessitam de mais humidade e dão-se muito bem. Dá-lhes o sol de manhã e ao fim do dia.

JC – Na sua “estufinha”, como lhe gosta da chamar, não vejo sombreamento e não vejo plantas queimadas pelo sol.

TV – Exato. No teto optei por um policarbonato

Teresa Vieira e a filha na sua estufa



Jardim exterior



Estufa



opalino, a parede de trás é a casa e as laterais são paredes. Na frente, que é voltada a sul, tem janelas de correr em vidro duplo. Na altura em que o sol já anda mais baixo, mas ainda queima, eu puxo-as mais para trás e fiz uma cortinas com a tela anti geada, que é muito leve e fácil de colocar que corta um pouco a incidência do sol.

JC - Como faz a ventilação?

TV - Sempre que o tempo o permite abro parcial ou totalmente as janelas, que abrem ao longo de toda a frente, o que permite uma boa ventilação. Mesmo no inverno em dias de chuva, de dia, deixo umas pequenas aberturas nos dois topos, o que permite ventilar sem arrefecer muito.

JC - Como faz o aquecimento?

TV - Uso um termo ventilador de cerâmica, que além de gastar menos, penso que seca menos o ambiente do que os tradicionais.



Cattleya labiata 'Roxo Bispo'

JC - Como faz o controlo de pragas?

TV - Como já disse, a minha primeira linha de atuação é com óleo de neem e sabão de potassa. Ao primeiro sintoma retiro a planta, isolo-a, e pulverizo-a bem, folhas pseudobulbos e substrato. Passado 8 dias volto a aplicar e vou controlando e aplicando. Quando vejo que a planta está em condições volta para o sítio.

JC - Faz aplicações gerais?

TV - Apenas 1 ou 2 vezes no ano. Em meados da primavera e no verão. No verão porquê? Há muitos campos à volta e se eu não tratar preventivamente ganha muito piolho.

JC - Usa outros produtos naturais?

TV - Por vezes vamos por aquilo que ouvimos e estragamos tudo. Uma vez usei vinagre nas proporções que me indicaram e ia matando tudo. Esqueçam o vinagre.



Cattleya El Hattillo 'Pinta'

Depois ouvi falar no sabão de potassa e no óleo de neem, e é a mistura que me tem dado bons resultados.

JC - O óleo de neem é mais eficaz no ciclo larvar das pragas.

TV - Por isso uso principalmente como preventivo.

JC - Que tipo de substratos é que usa?

TV - Para as epífitas faço misturas de casca de pinho, pedra vulcânica (elas adoram a pedra vulcânica), argila expandida, carvão da lareira e pedaços de esferovite. No fundo dos vasos faço sempre um bom lastro com bocados de esferovite e cortiça para garantir que a água não fica em contacto com as raízes e estas não apodrecem.

Nas terrestres a mistura inclui a manta morta que vou buscar à bouça da minha mãe.

JC - Vejo que regra geral cultiva em vasos de barro com pratos com água. Fale um pouco desta experiência.

TV - Eu cultivo em vasos de barro com um bom lastro de inertes. Assim, para manter a humidade necessária coloco água no prato e a humidade é dissipada através do barro, mas tenho a garantia que as raízes não apodrecem, pois não ficam em contacto com a água.

JC - Então é assim que controla a humidade. Não tem sistemas de nebulização.

TV - Já tive, mas estragava as plantas, pois, ou temos um sistema de nebulização caro, ou então nos mais económicos a neblina é grossas e os bicos gotejam.

Esta solução, juntamente com a cascata e algumas bacias de água espalhadas debaixo das prateleiras, permitem-me satisfazer as necessidades das plantas que cultivo em termos de humidade ambiente.

No verão mantenho sempre o prato com água, mas no inverno deixo que sequem para voltar a colocar um pouco, dependendo dos dias.

Acresce que no verão coloco o maior número possível de plantas no jardim.

Aí, ao fim do dia, faço uma aspersão ligeira e elas gostam.

JC - Como faz a fertilização?

TV - Uso Rain Mix com frequência e em doses de baixa concentração e, em complemento, no verão e 1 vez por mês, uso um fertilizante Energie que julgo ser à base de algas. Nas *Cymbidium* uso o granulado.

JC - Também usa fertilizantes orgânicos?

TV - Não, apenas a manta morta nas terrestres.

JC - Para si o que é mais importante, a fertilização, a luminosidade, a rega, ou outra?

TV - Se bem que tudo seja importante para mim a luminosidade adequada e a ventilação ficam em 1º lugar. Isso aproxima-nos muito da natureza.

JC - Qual a maior alegria em termos de cultivo?

TV - Quando elas me dão boas florações. Fico maravilhada. Quando começam a dar flor é uma explosão de alegria.

Pelo contrário dá-me tristeza ver-lhes cair as folhas. Eu sei que em muitas é necessário, mas gosto de ver as plantas com as folhas verdes.

JC - Então não gosta do outono.

TV - Não. Não gosto

JC - Qual o maior desgosto.

TV - É quando faço asneiras. Fico mesmo nervosa comigo.

JC - Em particular?

TV - Foi quando o meu marido me ofereceu uma *Vanda* muito bonita que trouxe da Alemanha e eu deixei-a morrer.

JC - Mas a asneira faz parte da aprendizagem.

TV - Sim, mas mesmo assim fico fula comigo mesma.

JC - Alguma mensagem para os orquidófilos?

TV - Depois de pesquisar a forma de tratar a

sua orquídea, aprenda a sentir o local onde vai colocar a planta. Isso é fundamental para a colocar no local certo. Antes de eu sentir isso colocava de qualquer maneira e não dava bons resultados.

Aprende-se muito com a convivência. Não tenham medo de divulgarem como e o que fazem, pois só daí podemos aprender mutuamente.

E nunca se esqueçam que é tão bom que toda a gente seja feliz. Se nós podermos dar um pouco de nós o mundo será muito melhor.

JC – Qual a sua relação com as suas orquídeas.

TV – Levanto-me todos os dias muito cedo. Passo uma hora a tratar delas. A olhar para

as orquídeas, a ver o que precisam. Se estão bem.

Nessa hora todos os problemas da vida desaparecem. Só depois desse momento mais íntimo, é que enfrento as agruras da vida.

JC – Em meu nome pessoal e em nome da Revista Lusorquideas, agradeço à Teresa ter aceite esta entrevista, bem como à sua mãe por a ter entusiasmado nestas andanças e à sua princesa por ser uma grande admiradora de orquídeas. Desejo-lhe muitos sucessos pessoais e enquanto orquidófila.

TV – Eu é que fico grata por esta oportunidade para dar a conhecer a minha experiência aos leitores da revista.



Paphiopedilum pinocchio



- **Espécie tipo:** *Eulophia guineensis*. Nome inicialmente usado por Robert Brown e formalmente atribuído por John Lindley, em 1821.
 - **Origem do nome:** do Grego “eu” (bom/bem) e “lophos” (crista), possivelmente em referência à crista calosa existente no labelo de algumas flores do género.
 - **Número de espécies:** 207 aceites pela World Check List of Selected Plant Families (WCSP).
 - **Habitat natural:** florestas tropicais e sub-tropicais sombrias, por vezes em florestas abertas, ou em matagais, em solos velhos de areia ou argila, algumas em ambientes muito áridos (ex. *E. petersii*), da América, Ásia e África, em altitudes que vão até aos 2550 metros, sendo que a maioria vegeta em África.
 - **Zona climática predominante:** na generalidade prolifera bem em temperatura intermédia, devendo ter o cuidado de saber o seu habitat natural.
 - **Tipo de crescimento:** simpodial.
 - **Local de crescimento:** terrestre, raramente epífita.
 - **Características da planta:** de características diversificadas, geralmente caducifólias, outras perenes, podendo apresentar rizomas grandes subterrâneos, tubérculos ou pseudobulbos. As folhas, aparecem com ou após as flores, são grandes, lineares a lanceoladas, plissadas ou não.
- As espécies mais comuns em cultivo e mais fáceis de cultivar são as que apresentam pseudobulbos acima do solo.
- **Tipo de inflorescência:** surge ao lado de um novo crescimento em fase inicial, ereta, geralmente sem ramificações, aportando muitas flores dispersas ou densas.
 - **Característica da flor:** por vezes vistosas de cores variadas, verde, verde pálido ou castanho, ocasionalmente bicolores, pétalas e sépalas semelhantes ou diferentes. Labelo geralmente trilobado, ocasionalmente inteiro, apresentando um fino espigão e lamelas ou cristas no interior. A coluna pode ser curta ou longa.
 - **Época de floração:** a maioria na primavera ou no verão, raramente no outono ou no inverno.
 - **Fragrância:** poucas apresentam fragrância.
 - **Tipo de vaso:** de plástico ou de barro, de acordo com as preferências do cultivador, mas

de tamanho suficiente para acomodar as raízes vigorosas.

- **Reenvase:** no início de novo período vegetativo, geralmente no início da primavera, devendo ser reenvasada antes que o substrato dê sinais de decomposição, normalmente cada 2/3 anos, dependendo da qualidade do substrato.
- **Divisão por zona climática** (alguns exemplos):
Quente - *Eulophia andamanensis*, *Eulophia beravensis*, *Eulophia gracilis*, *Eulophia pulchra*.

Intermédio - *Eulophia euglossa*, *Eulophia guineensis*, *Eulophia fridericii*, *Eulophia speciosa*.

Fria - *Eulophia litoralis*, *Eulophia parvilabris*, *Eulophia tabularis*, *Eulophia vinosa*.

- **Luminosidade e ventilação:** a maioria necessita de luz intensa dispersa e muita movimentação de ar, pois desenvolvem facilmente manchas foliares e os pseudobulbos apodrecem.
- **Humidade:** dependendo da origem da planta, aceitar como regra entre os 60% e os 85%.
- **Rega:** cuidadosa quando o novo crescimento aparece e abundante no vigor vegetativo. Nas caducifólias reduzir gradualmente quando as folhas amarelecem e caem e respeitar o período de repouso. Nas perenes adequar a rega à época do ano.
- **Fertilização:** regular (semanal) com fertilizante balanceado e metade da dose recomendada, a sua frequência acompanha as condições de rega. No período de repouso não fertilizar.
- **Descanso:** nas caducifólias, muita luz e um descanso seco, apenas com uma aspersão ocasional após a queda das folhas.
- **Substrato:** para terrestres, mas solto, que drene bem e tenha matéria orgânica incorporada. Exemplo: Casca de pinho fina, perlita grossa, argila expandida, turfa e húmus.



FICHA SINTÉTICA DE CULTIVO 41

- **Espécie tipo:** *Galeandra baueri*, descrita por John Lindley, em 1832.
- **Origem do nome:** palavra composta do latim e grego. Do latim “*galea*” (capacete) e do grego “*andros*” (homem), em referência à aparência da antera das flores que se assemelha a um capacete.
- **Número de espécies:** 40 aceites pela World Check List of Selected Plant Families (WCSP).
- **Habitat natural:** em habitats variados, distribui-se em florestas desde o Sul dos Estados Unidos à América Central e do Sul, a maioria na região amazónica e em árvores cobertas de musgo ou em solos secos, por vezes pantanosos. Normalmente, as epífitas ocorrem desde o nível do mar até aos 500 metros e as terrestres em elevações superiores, até aos 1800 metros.
- **Zona climática predominante:** temperado quente.
- **Tipo de crescimento:** simpodial.
- **Local de crescimento:** epífita na maioria, ou terrestres.
- **Características da planta:** plantas com pseudobulbos pequenos ou grandes, alongados, cilíndricos ou fusiformes, cobertos de bainhas cinza, podendo apresentar muitas ou poucas folhas dísticas, estreitas, com nervuras longitudinais, bastante marcadas, plicadas, a maioria caducas. Pode apresentar muitas ou poucas folhas, neste caso, na parte superior do pseudobulbo. Algumas terrestres apresentam os pseudobulbos pequenos, redondos, enterrados.
- **Tipo de inflorescência:** terminal, racemosas ou não, eretas ou arqueadas, normalmente apresentando poucas, mas vistosas flores, ressupinadas.
- **Característica da flor:** vistosas, de tamanho, cores e formatos variados. Pétalas e sépalas livres. Labelo proeminente, tubular, em forma de sino, simples ou levemente trilobado, apresentando um esporão na base que pode ser pequeno ou grande.
- **Época de floração:** na primavera ou no verão, raramente no outono ou no inverno.
- **Fragrância:** algumas apresentam fragrância.
- **Tipo de vaso:** de plástico ou de barro, de acordo com as preferências e as práticas do cultivador, podendo as epífitas ser plantadas em troncos de cortiça ou madeira.

- **Reenvase:** no início de novo ciclo vegetativo e sempre antes que o substrato dê sinais de decomposição.
- **Divisão por zona climática** (alguns exemplos):
 - Quente: *Galeandra arundinis*, *Galeandra devoniana*, *Galeandra greenwoodiana*, *Galeandra leptoceras*.
 - Temperado: *Galeandra batemani*, *Galeandra biloba*, *Galeandra blanchetii*, *Galeandra stylloisantha*.
- **Luminosidade:** luz moderada a brilhante, sem sol direto.
- **Humidade:** na ordem dos 80% ao longo do ano, podendo descer aos 50% no inverno se cultivadas em temperaturas mais frias.
- **Rega:** regular, abundante durante a fase de crescimento, tendo cuidado com os novos crescimentos, pois podem apodrecer, e aspersão ocasional no inverno, devendo começar a redução da rega durante a floração.
- **Fertilização:** planta de crescimento rápido precisa de uma boa e regular fertilização, com um fertilizante balanceado (ex. 20/20/20), durante o período de crescimento, reduzindo a fertilização quando o novo crescimento estiver maduro. Não fertilizar na fase de descanso.
- **Descanso:** após a floração necessitam de mais luz e um descanso mais fresco e seco, com aspersão ocasional para não deixar os pseudobulbos arrugarem demasiado.
- **Substrato:** uma mistura que drene bem, mas que retenha humidade. Exemplo: Casca de pinho média (9/12mm), argila expandida ou outro inerte e um pouco de esfagno.

A A.P.O. EM ACÇÃO

PARTICIPAÇÃO DA APO NO 68º CHAMPIONAT MONDIAL DES OISEAUX D'ÉLEVAGE – PORTO EX-PONOR - 24 a 26 de janeiro



A convite da respetiva organização, a APO levou a efeito uma exposição de orquídeas nas gale-rias da entrada do 68º Championat Mondial des Oiseaux d'Élevage (mais conhecida por Exposição Mundial de Aves), que se realizou na Expo-nor - Porto.

Foi uma exposição local bem conseguida, tendo a APO divulgado a próxima Exposição Interna-cional de Orquídeas do Porto pelos milhares de visitantes que ocorreram aquele evento.

A venda esteve a cargo dos Hortos Mestre Jardineiro, Viveiros Costa e Win Garden.

PARTICIPAÇÃO DA APO NO PET FESTIVAL NA FIL 31 de janeiro a 2 de fevereiro



A convite da respetiva organização, A APO parti-cipou com uma mostra de orquídeas no Pet Fes-tival (Festival da família e dos animais de com-panhia) na FIL, Parque das Nações.

Tratou-se de uma iniciativa para divulgar a APO e as suas realizações, que foi muito bem conseguida.

A participação esteve a cargo do grupo de Lis-boa da APO.

PARTICIPAÇÃO DA APO NA EXPO JARDIM – POR-TO, EXPONOR - 6 a 8 de fevereiro



Como já tem sido hábito, a APO participou na Expo Jardim, que este ano se realizou na Expo-nor, passando a realizar-se alternadamente no Porto e em Lisboa.

Os inúmeros visitantes puderam apreciar as lin-das orquídeas em exposição, tendo a APO divul-gado a realização da próxima Exposição Inter-nacional de Orquídeas do Porto.

No dia 8, domingo, realizou-se uma palestra so-bre *Phalaenopsis*, que foi apresentada por Gra-zia Meister.

SÉTIMO EVENTO DE ORQUÍDEAS EM FORJÃES 8 e 9 de fevereiro



Pelo sétimo ano consecutivo realizou-se na Jun-ta de Freguesia de Forjães, Esposende, uma ex-posição/ venda de orquídeas.

Conforme vem sendo habitual, foram muitos os visitantes que acorreram àquele evento, incluín-do inúmeros vindos da vizinha Galiza, que apre-ciaram os magníficos exemplares de orquídeas em exposição.

A venda esteve a cargo do horto Viveiros Costa No domingo, dia 8, realizou-se uma palestra so-bre a *Vanda* e o seu cultivo, apresentada por Graziela Meister.

2ª EXPOSIÇÃO DE ORQUÍDEAS DE CANTANHEDE 15 e 16 de fevereiro



Pelo 2º ano consecutivo a APO esteve em Cantanhede com uma magnífica exposição de orquídeas, organizada em colaboração com o respetivo município.

Este ano o tema foi alargado às Tillandsias. Como no ano anterior, foram muitos os visitantes deste evento que apreciaram as magníficas de orquídeas em exposição e adquiriram excelentes exemplares de híbridos e espécies. A venda esteve a cargo dos Hortos Viveiros Costa, Madurinha e Tillanvis. No sábado realizou-se uma palestra sobre o tema “A *Vanda* e o seu cultivo”, apresentada por Graziela Meister e no domingo sobre o tema “O *Oncidium* e o seu cultivo”, apresentada por José Costa.

ASSEMBLEIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ORQUIDOFILIA - 22 de fevereiro

Realizou-se nas instalações do Jardim Botânico da Ajuda a Assembleia Geral Ordinária da APO para aprovação do relatório de atividades e as contas do exercício de 2019, o parecer do Conselho Fiscal, bem como o plano de atividades e o orçamento para o exercício do ano 2020. Todos os documentos foram aprovados por unanimidade.

PARTICIPAÇÃO DA APO NA LUSOFLORA - SANTA- RÉM - 28 e 29 de fevereiro



A convite da respetiva organização a APO, através do Grupo de Lisboa, participou com uma exposição de orquídeas na LUSOFLORA (Cidades verdes e floridas, cidades sustentáveis), em Santarém.

Tratou-se de uma iniciativa destinada a divulgar a APO e as suas atividades, bem como o cultivo da orquídea.

No dia 29 realizou-se um workshop sobre o tema “Montagens e técnicas de cultivo”, ministrado por Rafael Santos.

1ª EXPOSIÇÃO / VENDA DE ORQUÍDEAS, CACTOS E SUCULENTAS DE OLIVEIRA DE FRADES 29 de fevereiro e 1 de março



Em colaboração com a respetiva Câmara Municipal, realizou-se a 1ª exposição/venda de Orquídeas, cactos e suculentas, que teve lugar no Cine-teatro Dr. Morgado.

Tratou-se de uma exposição muito bem conseguida, quer do ponto de vista da organização, quer pelo número de visitantes que acorreram ao evento e que tiveram a oportunidade de apreciar e adquirir magníficos exemplares de orquídeas.

A venda esteve a cargo dos hortos Viveiros Costa, Tillanvis, Oliplanta, Flor de Lis e Tupila-florista.

Realizaram-se duas palestras, que tiveram “casa cheia”. Uma no sábado sobre o tema “O cultivo de *Phalaenopsis*”, apresentada por Graziela Meister e outra no domingo sobre o tema “O cultivo de *Cymbidium*”, apresentada por José Costa.

Cattleya walkeriana flámea (fantasia) 'Tokutsu'



CARLOS KELLER

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA GENEALOGIA DA CATTLEYA WALKERIANA SEMI-ALBA 'TOKYO Nº1' E DA CATTLEYA KENNY, COM MENÇÃO ÀS WALKERIANAS ALBAS IMPURAS NORTE AMERICANAS. (2º PARTE)

Hoje tudo isso é tido como lenda, pois não existe nenhum registro escrito sobre o ocorrido, o qual pela sua envergadura mereceria no mínimo uma menção. Por outro lado, e isso é fato, coincidentemente com a época do suposto

sumiço da planta no Jardim Botânico, um comerciante de orquídeas brasileiro de nome Ely Uores apareceu em Miami com uma *Cattleya walkeriana* alba e acredita-se que ela tenha sido vendida para o orquidário 'Orchidglade' dessa cidade, de propriedade dos sócios Jones & Scully. Alguns anos mais tarde aparece nesse mesmo orquidário a lendária *Cattleya walkeriana* alba 'Orchidglade', a qual nos anos 60 recebeu da AOS um prêmio FCC, a maior honraria que uma orquídea pode receber. Isso nos mostra que mesmo a AOS (American Orchid Society), cujos juizes são obrigados a fazer um curso de sete anos para estarem aptos a julgar, não percebeu que aquela walkeriana era impura.



Cattleya walkeriana alba 'Orchidglade'

Alguns relatos dizem que a 'Orchidglade' foi meristemada tendo os seus clones sido vendidos, mas ao que parece, Jones & Scully preferiram manter aquela matriz alba exclusivamente para si, vendendo apenas os seus selfs



'Pendentive'



'Perfect Charm'



'Diamond Bright'

Jones & Scully começaram a fazer os selfs da 'Orchidglade' para venda a partir de 1965, selfs esses que eram fracos e resultaram em poucos indivíduos, tendo sido vendidos na sua maioria para o Japão. Por sua vez, os primeiros cruzamentos de híbridos feitos com a 'Orchidglade', como, por exemplo, a *Cattleya Angelwalker* (50% de *Cattleya walkeriana* alba 'Orchidglade'), apareceram no catálogo de número 1550 do orquidário em 1969. O Stewart Orchids de San Gabriel na Califórnia (ex Armacost & Royston) comprou dois frascos desses selfs de 'Orchidglade' e dali passou a produzir cruzamentos entre as irmãs, obtendo a maioria das albas duvidosas que conhecemos atualmente, como a

(autofecundação). No final dos anos 80, uma aplicação do fungicida Benlate (Benomyl) contaminado com o herbicida atrazine, matou a maior parte das orquídeas da coleção e provavelmente também a 'Orchidglade' original. Embora a Du Pont, produtora do fungicida e causadora do erro, tenha indenizado o orquidário em sete milhões de dólares pelo desastre, o negócio foi aos poucos naufragando por falta de matrizes e teve o seu golpe de misericórdia em 1992, quando o furacão Andrew atingiu Miami em cheio, destruindo completamente as suas estufas. Foi o fim do orquidário cujas atividades se iniciaram em 1946. Acredito que a *Cattleya walkeriana* alba 'Orchidglade' que conhecemos hoje, seja na verdade o meristema de alguns dos selfs da original e não o dela própria. No Brasil os selfs da 'Orchidglade' começaram a aparecer através das coleções dos orquidófilos Alair Raia e Noboro Suzuki, que os importaram dos Estados Unidos e Japão.

'Pendentive', a 'Perfect Charm' e a sua irmã de sementeira a 'Diamond Bright' (fotos acima). Em 25 de fevereiro de 1974, o Stewart Orchids levou a *Cattleya walkeriana* alba 'Pendentive' para um julgamento da AOS em Long Beach, na Califórnia e apesar dos protestos de alguns juizes que acreditavam ser ela uma dolosa, acabou sendo julgada como walkeriana pura e foi premiada com um AM/AOS de 85 pontos. Subsequentemente a 'Perfect Charm' foi premiada também em 1974 e a 'Diamond Bright' em 1978, ambas com um AM/AOS cada. Como vocês podem ver, quando essas walkerianas albas aqui chegaram, elas eram tidas como puras, não se falando em hibridação com *Cattleya loddigesii*, o que

motivou a sua participação em vários cruzamentos, alguns dos quais ficaram bastante conhecidos, como mostrarei seguir.

Muitas walkerianas famosas e desejadas por alguns até hoje são filhas da 'Orchidglade' (no caso um self dela e não a original, que morreu), como por exemplo, a 'Guaxupé' e a sua irmã 'Carla', cruzamento da alba 'Orchidglade' com a albescens 'Matão. A semi-alba 'Guile-Guile' também é filha da 'Orchidglade' com a albescens 'Matão', produto do cruzamento de número S-204 feito pelo orquidófilo de São Paulo, Amândio Pinho Catetano. Um self da 'Orchidglade' cruzado com uma walkeriana tipo do orquidário Wenzel

de número 006, resultou nas hoje clássicas 'Dayane Wenzel' e a sua irmã 'Estrela da Colina', ambas ainda usadas atualmente em cruzamentos com bons resultados. A alba 'Laina', que também descendente dessas albas norte americanas, provavelmente a 'Perfect Charm', foi produzida no Havaí e ainda hoje é bastante procurada pela sua beleza, embora todos saibam que não é pura.

O único inconveniente dessas descendentes da 'Orchidglade', excluindo aqui a 'Dayane' e a 'Estrela' é que elas têm o defeito de florir pouco e quando florescem costumam abortar o botão. Tenho na coleção nessas condições a 'Guaxupé', a 'Guile-Guile' e a 'Laina' e poucas foram as vezes que tive a oportunidade de fotografar as suas flores.



'Guaxupé'



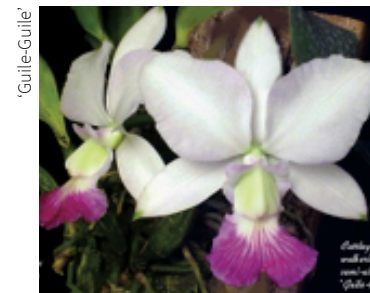
'Carla'



'Laina'

O que podemos notar nas três belíssimas walkerianas acima e que pode expor o seu parentesco impuro é o que eu chamo de "narigão", isto é, a frente da coluna é mais larga, mais inchada e maior do que a das

walkerianas puras. Essa característica você encontra também na 'Orchidglade' e na 'Perfect Charm'. Já a 'Guile-Guile', a 'Dayane Wenzel' e a 'Estrela da Colina' possuem a coluna praticamente similar à de uma walkeriana pura.



'Guile-Guile'



'Dayane Wenzel'



'Estrela da Colina'

Outra característica que pode levar à suspeita de impureza de uma walkeriana são os pseudobulbos alongados, espichados pela herança da bifoliada *Cattleya loddigesii*. Se os pseudobulbos de uma walkeriana

são realmente alongados, a suspeita dessa planta ter sangue de *loddigesii* é bem grande, praticamente certa. Por outro lado, pode haver uma *Cattleya walkeriana* impura, reconhecidamente com DNA de *Cattleya*

loddigesii, apresentando pseudobulbos quase tão redondos quanto os de uma *Cattleya walkeriana* nativa. Qual seria a explicação para isso? Atribuo o fato ao processo de seleção da planta na sementeira. O orquidófilo que possui uma *Cattleya walkeriana* notadamente impura, ele irá fazer retrocruzamentos dela com uma pura, até conseguir uma flor de aparência satisfatória para o padrão da espécie, algo que dê para enganar o mercado. No processo, é claro que esse orquidófilo irá separar na sementeira os seedlings que mais se assemelham na sua parte vegetativa com uma *Cattleya walkeriana* pura, os quais são justamente aqueles que têm pseudobulbos o mais redondos e atarracados possível. Na medida em que essas walkerianas impuras vão sendo cruzadas com outras puras, geração a geração, os pseudobulbos dos filhos vão ficando mais curtos e cada vez mais se assemelham aos de uma *Cattleya walkeriana* pura, já que a porcentagem de sangue de *loddigesii* nessas plantas tornou-se irrisória.

Outro fator que influencia na forma dos pseudobulbos é o cultivo, principalmente a luz que incide sobre a planta. Walkerianas cultivadas com muita luz e arejamento costumam apresentar pseudobulbos atarracados e arredondados, enquanto que a mesma planta se levada a um ambiente mais

escuro pode gerar novos pseudobulbos dessa vez mais alongados. O fator cultivo sobre a forma dos pseudobulbos pode, no entanto, ser facilmente detectado, pois uma planta cultivada em ambiente de pouca luz tem o verde bem mais escuro do que quando ela vegeta em um ambiente claro. Orquídeas cultivadas em locais com muita luminosidade, podem até apresentar uma cor levemente avermelhada. A influência do cultivo sobre a forma do pseudobulbo, no entanto, tem seus limites. Se pegarmos uma 'Kenny', por exemplo, com pseudobulbos por natureza bastante alongados, por mais que a mantenhamos em um ambiente claro, eles nunca ficarão com o padrão arredondado de uma walkeriana pura. O conselho que dou, portanto, seria analisar a forma dos pseudobulbos apenas nas walkerianas que estiverem sendo cultivadas nas condições padrão para a espécie, cuidado que tomei ao realizar este artigo.

Abaixo vocês podem ver fotos da parte vegetativa de algumas walkerianas puras. Busco dar aqui uma referência sobre o padrão dos pseudobulbos da espécie, que embora possa ter certa variação, não foge muito do que se vê abaixo. Com isso vocês poderão fazer a comparação entre os pseudobulbos de uma *Cattleya walkeriana* pura e os de uma walkeriana com sangue de *Cattleya loddigesii*, exibindo pseudobulbos mais alongados:



Cattleya walkeriana tipo ('Retorno' x 'Cinquentenário') e *Cattleya walkeriana* rubra ('Serra do Engano' x rubra 'Caliman') (fotos: Eduardo Queiroz).



Cattleya walkeriana coerulea 'Terra Azul' (foto Roger Vivekenanda, Curitiba) e *Cattleya walkeriana* suave 'Meire' (nativa - foto Eduardo Queiroz).



Cattleya walkeriana coerulea 'Terra Azul' (foto Roger Vivekenanda, Curitiba) e *Cattleya walkeriana* suave 'Meire' (nativa - foto Eduardo Queiroz).

Vejam agora abaixo algumas walkerianas com pseudobulbos alongados, o que nos leva a crer

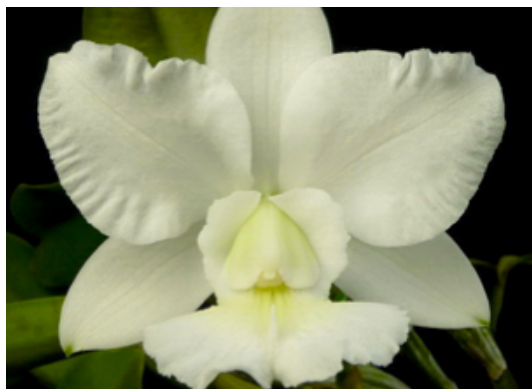
que sejam impuras:



Cattleya walkeriana tipo 'Guaxupé' (alba 'Orchidglade' x albescens 'Matão') - (fotos dos pseudobulbos: Eduardo Queiroz).



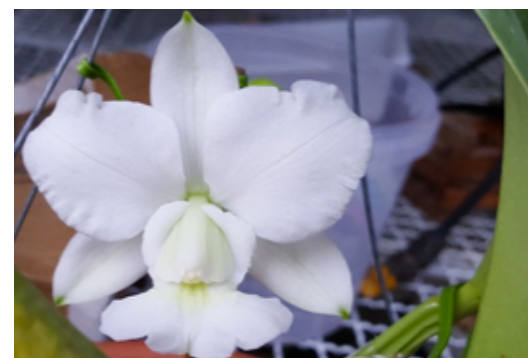
Cattleya walkeriana semi-alba 'Guile-Guile' (alba 'Orchidglade' x albescens 'Matão').



Cattleya walkeriana alba 'Laina' MC.



Cattleya walkeriana alba 'Limrick' e *Cattleya walkeriana* alba 'Diamond Bright' (ambas impuras como fica evidente pelos seus pseudobulbos alongados).



Cattleya walkeriana alba 'Perfect Charm' e *Cattleya* Kenny (foto de Ralph Araújo retirada da Internet). Ambas comprovadamente impuras por análise de DNA.

A *Cattleya walkeriana* semi-alba 'Puanani' também exibe pseudobulbos alongados. Abaixo mostro duas fotos de uma *Cattleya walkeriana* semi-alba 'Puanani' 4N que fiz na exposição de

Rio Claro em 2010, pertencente ao orquidófilo Jordão e fica evidente ali o alongamento dos pseudobulbos desse clone:

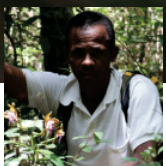


Cattleya walkeriana semi-alba 'Puanani' 4N - Expo Rio Claro 2010

Nota: artigo reproduzido conforme enviado pelo autor



Scuticaria



EULER MENESES

SCUTICARIA

As orchidaceae apresentam uma distribuição cosmopolita com mais de 24.500 espécies descritas e distribuídas em 800 gêneros. No Brasil há cerca de 2.444 espécies, sendo que no estado de Minas Gerais são 898, distribuídas por 137 gêneros. Um bom número destas espécies que vegetam em Minas Gerais, estão relacionadas com a Cadeia do Espinhaço, que se apresenta como barreira geográfica,

contribuindo assim para plantas com caráter de endemismo, mas também “retém” a presença de espécies que são concomitantes não só à Cadeia do Espinhaço, mas a importantes biomas como a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica, lembrando sempre que o bioma Campos Rupestres na qual ela está inserida contém transições importantes com estes últimos biomas citados, e assim culminando em “trocas” de indivíduos, que por si só levaram à adaptação de alguns e outros nem tanto.

Embora de grande importância diante do seu endemismo, a Serra do Espinhaço ainda é

pouco pesquisada, isto talvez devido à dificuldade de acesso a vários pontos específicos. Algo que a natureza a partir de vários anos vem lhe adornando pelo intemperismo, já ao mesmo tempo lhe doou a beleza e também lhe ofereceu curvas em altitudes de formas sinuosas, perigosas e de difícil acesso, porém estes factores ajudam a que muitas das suas espécies fiquem resguardadas, e uma das suas mais belas espécies que se encontra resguardada está dentro do gênero *Scuticaria*.

O gênero *Scuticaria* é composto por nove espécies que no geral até ao momento caracteriza o gênero por possuírem folhas cilíndricas. As suas espécies são raramente encontradas na natureza e por serem plantas de difícil cultivo e mesmo quando bem cultivadas raramente florescem, este grupo é pouco conhecido do público orquidófilo e conseqüentemente raro em orquidários profissionais apesar das suas espécies possuírem rara beleza. As suas espécies são *Scuticaria hadwenii* (Lindl.) Planch., *Scuticaria irwiniana* (Pabst) *Scuticaria itirapinensis* (Pabst), *Scuticaria kauskyi* (Pabst), *Scuticaria novaesii* (F. Barros & Canth), *Scuticaria peruviana* (D. E. Benn & Christenson), *Scuticaria salesiana* (Dressler), *Scuticaria steelei* (Hook) Lindl., *Scuticaria strictifolia* (Hoehne), todas de uma beleza ímpar.

Nas altas montanhas que compõem o complexo da Cadeia do Espinhaço, na parte mineira, há ocorrência da *Scuticaria irwiniana* (Pabst), espécie bastante ornamental e 40 anos após a sua descrição, embora esteja em local protegido, tem-se percebido um grande declínio populacional, e na percepção do IEF (Instituto Estadual de Florestas), a espécie encontra-se na categoria “Em perigo” (EN). Muito se fala que acontece devido às grandes pressões antrópicas que ocorreram durante anos como queimadas e colectas indiscriminadas. Pelo CNCFlora (Centro Nacional de Conservação da Flora) a *Scuticaria irwiniana* encontra-se também na lista vermelha. Nos habitats da *Scuticaria irwiniana* ela foi encontrada entre 1.600 e 1.900 metros de altitude,

isto associada de forma humícola não só ao meio de orquídeas, mas a várias espécies de outras famílias de vegetais em locais sombreados, doando-lhe assim uma forma com folhas estioladas, mas na grande maioria a sua população é encontrada em pleno sol associada a plantas da família *Poaceae* (capins) e outras orquídeas como *Zygopetalum cf mackay* e outras espécies em rochas nuas como algumas espécies que hoje se encontram no grupo *Gomesa*.

A classificação em si é que a *Scuticaria irwiniana* é uma espécie rupícola, mas que possui crescimento repitante sobre folhas envelhecidas e outros composto; seu tamanho nessa condição fica intermediário em relação às plantas que vegetam a pleno sol e as que vegetam em locais sombreados, portanto de tamanho médio com rizomas longos que culminam em folhas cilíndricas, erectas, canaliculadas e cobertas na sua base por bainhas soltas imbricadas, com até 15 cm de tamanho. A sua haste floral é uniflora, erecta com até 20 cm de tamanho com dois entrenós, flores com 6 cm de tamanho e amarronzadas num padrão único em orquídeas. Sépala dorsal elíptica com terminação num “V” invertido, as sépalas laterais são oblongas assim como as pétalas que porém são acuminadas. O labelo é esbranquiçado e com venosidades avermelhadas em todo o seu interior, a coluna é marrom com ápice terminando em branco leitoso. O exemplar exposto neste trabalho foi fotografado quando floriu em março, porém outros exemplares estavam com haste floral em cápsulas e já algumas em condições de dispersão.

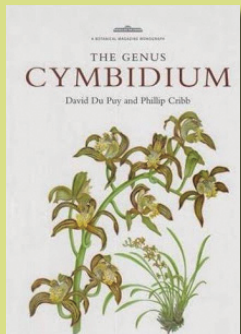
O que podemos salientar é que se não houver protecção imediata destes habitats que se encontram susceptíveis, muitas espécies como a *Scuticaria irwiniana* podem perder-se. Sabemos que têm sido tomadas medidas mas a consciencialização é a forma de minimizar o antropismo que acontece nestes habitats.

Nota: artigo reproduzido conforme enviado pelo autor



Livros & Leituras

GRAZIELA MEISTER



Título: The Genus *Cymbidium*
Autores: David Du Puy e Phillip Cribb
Ano da edição: 2007

Os autores deste livro são dois biólogos de renome mundial e que souberam escrever um livro sobre *Cymbidium* de uma forma muito própria, em que todos os pontos essenciais não são esquecidos.

Aqui eles apresentam uma classificação do género revista e uma delimitação e nomenclatura específica. A evidência do DNA clarificou o relacionamento e a classificação das espécies. O interesse que surge pelas espécies do *Cymbidium* entusiasma a resolver as dúvidas taxonómicas que ainda permanecem no género. Aqui é explicado os nomes das novas

espécies.

O trabalho extensivo levado a cabo na Ásia subtropical, no arquipélago da Malásia e na Austrália permitiu a observação de muitas espécies no seu habitat. Contribuiu para uma avaliação válida com respeito a ecologia e variações naturais do género no seu habitat.

Pela primeira vez fala-se neste livro sobre a conservação detalhada das espécies do *Cymbidium*.

Parcerias Associação Portuguesa de Orquidofilia

Descontos*

FLOR DO DOURO (a)

Entre-os-Rios

FLORIOLO (b)

Funchal

HORTO DA CIDADE (a)

Santo Tirso

HORTO DA ROSEIRA (a)

Ponte de Lima

JARDIM DE MARTIM (b)

Barcelos

MESTRE JARDINEIRO (a)

Amarante

PROGRESSO PLANTAS (b)

St. Maria da Feira, V. N. de Gaia e Gondomar

VIPLANT (a)

Oeiras

VIVEIROS COSTA (a)

Trofa

VIVEIROS EUROPLANTAS (b)

Ovar e Mealhada

VIVEIROS FLORIDO (a)

Vila do Conde

WINGARDEN & HOME (a)

Lagoa - Algarve

LUSOBONSAI (d)

(a) 10% em todos os artigos

(b) 10% em orquideas

(c) 10% em orquideas e respetivos produtos

(d) 20% em orquideas excepto botânicas

* Empresas ou entidades que fazem descontos a associados com as quotas em dia e perante a apresentação do cartão de associado. A Associação Portuguesa de Orquidofilia não se responsabiliza por qualquer quebra ou alteração do acordo sem aviso prévio.

Viveiros Florido Plantas Lda
CONSTRUÇÃO/MANUTENÇÃO/PROJEÇÃO DE JARDINS | DECORAÇÃO
EXPOSIÇÃO DE PLANTAS | VENDA DE PLANTAS

Viveiros Florido Plantas Lda
Via José Régio 2018
4485-860 Vilar do Pinheiro
Tel: 229272508
Tlmv 917579424/6/7
Email: viveirosflorido@gmail.com

BR ORQUÍDEA

Importação e Exportação

Espécies e Híbridos do Brasil e outros países

São Manuel / SP Brasil
F: +55 14 3842-1572
br-orquidea.com

Ângela Mendes (Gerente)

Correio eletrónico:
angela@a2analisesquimicas.com

Telefone:
253 424 736

A2 Análises Químicas, Lda.
Avepark - Parque de Ciência e Tecnologia, Edifício Spinpark
Zona Industrial da Gandra
4805-017 Barco, Guimarães

ANÁLISES QUÍMICAS
Laboratório de Análises Agrícolas e Ambientais

Calendário 2020 - Eventos Mensais

Acompanhe as datas em www.lusorquideas.com
Facebook: Associação Portuguesa de Orquidofilia
Instagram: Lusorquideas

ENCONTROS E WORKSHOPS

**ENCONTRO
ORQUIDÓFILOS DO NORTE**
Jardim Botânico do Porto
PORTO



**ENCONTRO
ORQUIDÓFILOS DO ALGARVE**
WINGARDEN & HOME
LAGOA



**ENCONTRO
ORQUIDÓFILOS DE LISBOA**
Estufa Fria



**WORKSHOP
VIVEIROS FLORIDO**
VILA DO CONDE



**WORKSHOP
EUROPLANTAS**
OVAR E MEALHADA



**WORKSHOP
VIVEIROS
PROGRESSO
PLANTAS**
GONDOMAR



**WORKSHOP
JARDIM DE
MARTIM**
BARCELOS



EVENTOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS



progressoplantas[®]
viveiros de plantas, lda

criamos natureza

plantas
jardinagem
decoração
petshop



LOJA 1 | S. João Ver - S. M. da Feira



LOJA 2 | Pedroso - V. N. de Gaia



LOJA 3 | S. Cosme/Valbom - Gondomar



LOJA 4 | Sanfins (E.N. 223 - Feira/S.J. Madeira) - S. M. da Feira

TEL.: +351 256 374 264 | EMAIL: progresso.plantas@progressoplantas.pt



Tudo para decoração do seu lar e jardim.

Everything for decorating your home and garden.

Alles zur decoration des hauses und gartens.

Alles voor de inrichting van huis en tuin.

Com mais de 35 anos no mercado, apresentamos uma grande variedade de plantas e elementos de decoração que irão complementar o seu lar. Visite-nos!



GPS: Latitude N37° 8' 27.8" . Longitude W8° 25' 17.1"

Sítio das Lameiras . 8400-410 Lagoa

Tlm: 916 138 357 . E-mail: geral@win-garden.com

Segunda a Sexta - 09h às 18h | Sábado - 10h às 18h | Domingos e Feriados - 10h às 13h